



T.: “Não será possível fazer mais do que já estão fazendo, seu dia tem apenas vinte e quatro horas.”

O dr. D. pergunta a respeito de Jesus Cristo:

T.: “Eu já disse, certa vez, que Jesus Cristo foi um ente espiritual altamente evoluído, um líder da humanidade, que ocupou uma posição importante também nos nossos planos. Ele é uma luz que é erguida na escuridão, um barco salva-vidas em alto-mar.”

Em 28 de maio de 1987, Maggy e Jules Harsch-Fischbach receberam do “técnico”, através da GA 1, uma longa mensagem para gravar, que tratava exclusivamente do morrer e da morte, e apontava, principalmente, uma perspectiva com relação ao tema “ajuda para a morte”. Transcrevo, aqui, alguns trechos dessa mensagem, excepcionalmente extensa:

“A progressiva mecanização da medicina, especialmente na luta contra a morte, já provocou um movimento oposto: este surgiu, por um lado, de aspectos humanos, do humanitarismo, e, ao mesmo tempo, é resultado, como deve ser na era da ciência, das pesquisas científicas sobre o processo do morrer. A tanatologia, a ciência da morte, pesquisou os processos do morrer do homem, e chegou à conclusão de que muitos moribundos já não desejam mais, a partir de um certo momento, ser mantidos vivos por meio de aparelhagens e instrumentos contra a morte, preferindo a paz, pois provavelmente sentem a inutilidade da resistência e da rebeldia. Então, a partir daquele momento desejam mais a proximidade de seres humanos que a presença de peritos técnicos.

Tal como acontece com todos os novos movimentos, ainda mais quando se revoltam contra progressos no campo da tecnologia médica, as conclusões da tanatologia estão sendo postas em dúvida, pois baseiam-se principalmente em experiências psicológicas. Elas sofrem críticas de tecnólogos médicos, freqüentemente por falta de coerência científica. O pano de fundo para isto é o fascínio exercido sobre muitos pelo progresso tecnológico, o que os faz ignorar seus resultados. No fundo, trata-se da dúvida sobre se tudo o que é viável – neste caso, a preservação de vidas puramente biológicas – também deve ou sempre pode ser realizado.

O comportamento do homem no Aqui exerce influência decisiva



sobre o seu destino no Além. Isto nos obriga a incluir o morrer na vida. Uma vez que isso for compreendido, o contraste entre um batizado e um enterro, por exemplo, deixa de nos perturbar. Sabemos, então, que a Igreja Divina não é apenas um barco no mar do universo, uma lâmpada erguida na escuridão, um oásis no deserto, uma escada à mão; a Igreja é também um túnel, e as almas passam por ele como trens-relâmpago.”

Extratos e resumos dos contatos registrados em 29 e 30 de maio de 1987.

Durante as transmissões, ocorreram interferências que mereceram do “técnico” as seguintes explicações:

“Trata-se de um problema técnico do nosso lado, uma falha da lâmpada osciladora de vibrações flutuantes. Vocês podem dizer aos interessados na TC que é bom colocar algum tipo de medidor durante suas gravações, um metrônomo ou outro aparelho rítmico, como por exemplo uma lâmpada “Omnifive”. Um despertador barulhento também serve como aparelho rítmico.

(Já mencionei, no capítulo “Outras Variáveis”, no item 5: “Relógios e Aparelhos Rítmicos”, o provável sentido dessas recomendações, ou seja, facilitar a adaptação deles ao nosso tempo terreno.)

Perguntou-se sobre a incumbência do antigo Papa João XXIII no Além.

T.: “Aqui ele assumiu um encargo bastante simples: ele administra uma plantação de oliveiras. Ele foi um homem bom.”

Pergunta: “Como reagem as pessoas que foram personagens importantes na Terra, quando chegam ao outro lado?”

T.: “Muitas ficam meio perdidas, já que nunca aprenderam a criar com o poder do pensamento. Algumas são imprestáveis para o nosso mundo, e somos obrigados a mandá-las de volta à Terra. Estas são as que estiveram habituadas demais a pensar apenas em coisas negativas. Outras trabalham aqui com as mãos, uma ocupação que se pode comparar com o lado terreno. Há trabalhadores nas montanhas, nas fazendas, em típicas granjas como as da Idade Média.”